

# PAULISTÂNIA

## UMA CIDADE E SUA GENTE

estádio.com.br

Online. Siga o caderno  
Metrópole no Twitter  
@metropole\_oesp

# DESIGNER DE IATES TROCOU A EUROPA PELO RIO PINHEIROS

Premiado na Itália e reconhecido pela indústria no mundo todo, Fernando de Almeida trabalha em prédio da Marginal e treina na raia da USP. Para testar protótipos, segue agora para a Guarapiranga

Vitor Hugo Brandalise

Na semana passada, o engenheiro e designer Fernando de Almeida, de 47 anos, saiu do cinema acabrunhado. “De novo, rapaz? De novo?”, comentou com um amigo, após assistir a *Tropa de Elite 2*. Estava revoltado, e não era por causa dos traficantes, da cúpula da segurança vendida, dos milicianos que vira na tela. O que irritou o designer foi o local usado pelos criminosos para comemorar as ações ilegais – um iate, será que sempre tem de ser um iate? Forma “preconceituosa”, ele brada, de retratar seu meio de vida.

A revolta é bem-humorada e tem razão simples, prática: desde 1989, Fernando tira dos iates sua profissão. Formado em Engenharia Mecânica pelo Mackenzie, ele se dedica há 20 anos a projetar lanchas, veleiros e catamarãs, além dos “discriminados” iates.

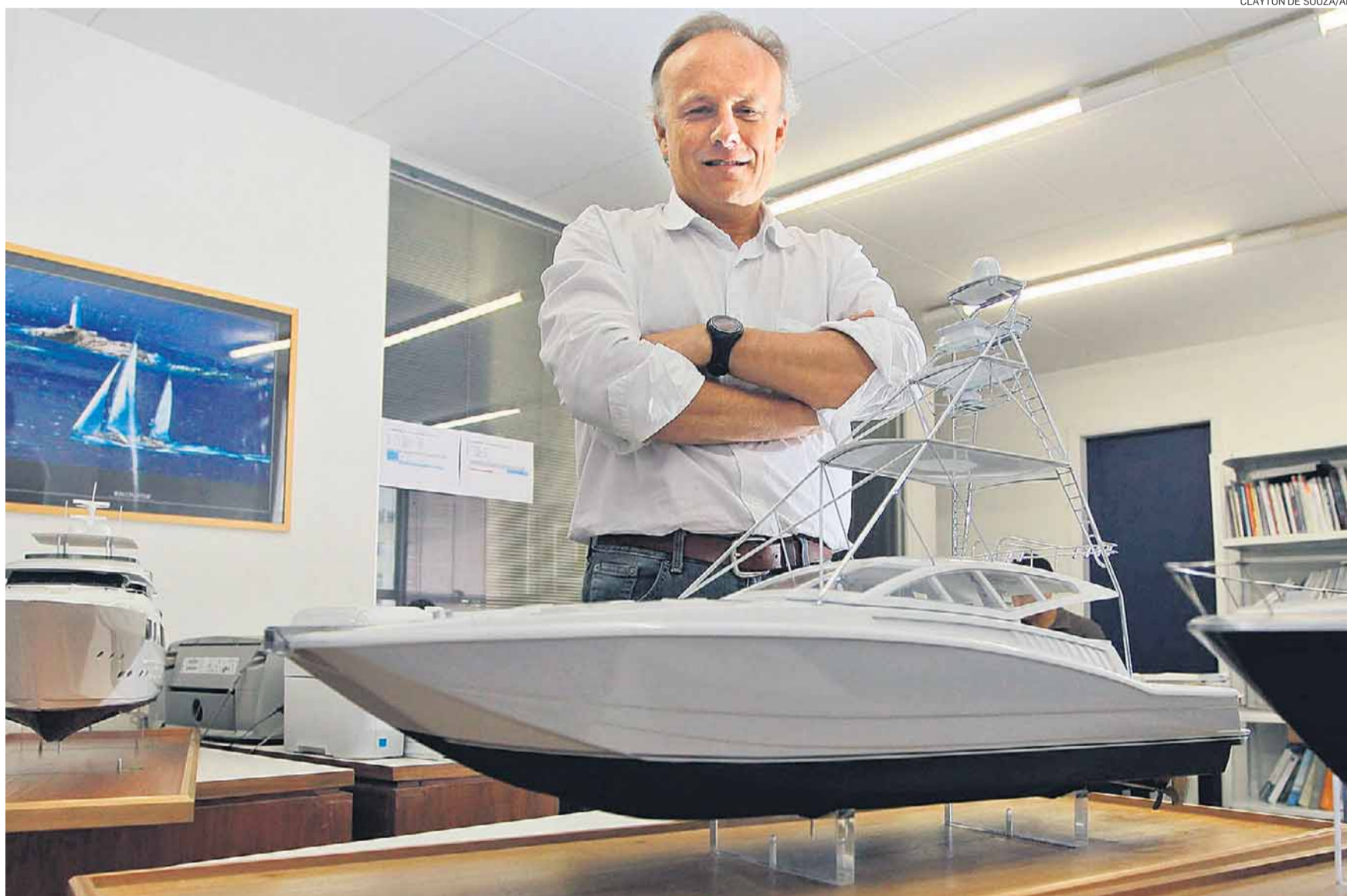
Desenha todas as linhas, o exterior de curvas leves, o interior que lembra cômodos residenciais. Reconhecido internacionalmente – já ganhou, por exemplo, o prêmio italiano Compasso D’Oro, o maior do gênero –, o paulistano do Morumbi foi homenageado em setembro, com lançamento de livro inédito sobre design naval no País (*Yacht Design*, editora CA), cujo tema principal é ele próprio.

“Para mim, não tem glamour. É um setor que cria empregos como qualquer outro. Já pintei cascos e fiz projetos finais. Quando se tem noção da dureza que é, o glamour fica para trás”, diz o designer, que se intitula “arquiteto naval” e que atualmente não tem barco próprio – usa embarcações de amigos para seu principal hobby, as pescarias em rio e mar. “É a vantagem de trabalhar com isso. Foram quase todos projetados por mim.”

Fernando viveu duas temporadas na Itália, antes de voltar ao Brasil, em 2003. Lá, trabalhou em estaleiros como o Wally Yachts, conhecido mundialmente por projetos inovadores. Na americana Bertram Yachts, se especializou em interiores – trabalho minucioso, em que toda a decoração é feita sob medida.

Desde que voltou a viver em São Paulo, além de se readaptar ao mercado nacional – 90% dos barcos produzidos são a motor, enquanto na Europa a maior parte é a vela –, Fernando teve de se acostumar com a estrutura, menos desenvolvida na produção náutica. “Há um longo caminho. Vejo como algo bom, um campo a explorar.”

Além de projetar para estaleiros de Osasco e Jandira, na Grande São Paulo, e testar, pessoalmente, os barcos em Angra ou Niterói, no Rio, o designer passou a usar também endereço



‘Preconceito’. Com bom humor, Almeida luta contra a imagem negativa de seu modo de vida: nos filmes, só criminosos têm lugar nos iates

### ● Reconhecimento

#### EDUARDO COLUMNA

PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSTRUTORES DE BARCOS

“Sua competência é reconhecida em países como Itália e França, os maiores produtores de barcos do mundo.

Atuando no Brasil, mostra que temos profissionais de ponta também aqui.”

paulistano na tarefa. Há um mês, testou protótipo de lancha (25 pés) pela primeira vez na Represa de Guarapiranga, no extremo sul da capital. “É um espelho d’água extraordinário dentro da cidade. Foi uma ótima experiência”, disse o designer, que já teve projetos executados em Mônaco e Miami. “O que prejudica é o esgoto jogado direto na represa, a ocupação desordenada nas margens. Isso tem de mudar.”

**Mar paulistano.** Fernando tem olhar particular sobre a cidade em que vive: mesmo na imensidão do concreto, tenta dar jeito de lembrar do mar – por

mais vagamente que seja. Foi na frente do Rio Pinheiros, num edifício na Marginal, por exemplo, que o designer montou escritório. “Pelo menos estou perto d’água. Por mais que dê nó na garganta ao ver o estado do rio.”

Em fins de semana, quando a família não está na casa de praia em Angra, Fernando leva os filhos de 4 e 6 anos ao Aquário de São Paulo, no Ipiranga, zona sul. Já foram “mais de dez vezes” – o que levou os dois filhos a decorar os nomes de 150 espécies de peixe, que também são recitados de cor pelo designer. Além disso, ao menos duas vezes por semana, Fernando pratica remo na Raia Olímpica da USP, no Butantã, zona oeste. “Outra daquelas ilhas de paz no meio da cidade.”

Interessado também por arquitetura – influência do pai, o arquiteto de residências Eduardo de Almeida –, o designer tem predileção particular entre os estilos dos prédios da cidade. Ele gosta de das “casas-bola”, residências esféricas no Itaim-Bibi e no Morumbi, zona sul. “Tudo feito sob medida, exatamente como nas embarcações.”



**Aventura.** Em 1989, atravessou o Oceano Atlântico num veleiro

**Barcos modernistas.** Fernando cresceu em residência projetada pelo pai no Morumbi, construída apenas com blocos de concreto, vidro e fôrmica branca – dentro do conceito do movimento brutalista, marcado pela discri-

ção, do qual o pai fazia parte. São conceitos modernos que o designer trouxe para seus barcos. Em seus projetos não há supérfluos. “Os melhores barcos têm linhas simples. Cada elemento está lá por alguma razão.”

Embora soubesse desde adolescente que queria viver “do mar”, Fernando não sabia muito bem como fazer isso. Para entender, largou uma recém-criada empresa de eletrônicos e zarpou em direção a Barbados, no Caribe, com mochila nas costas e mais nada. “É admirável. Do Caribe à Itália de carona em veleiros. Chegou lá sem conhecer ninguém e conseguiu emprego com projetos navais”, conta o amigo Marcus Sulzbacher.

Para definir a paixão de Fernando pelo mar, amigos costumam recorrer a uma passagem ocorrida em 1988, numa viagem de catamarã entre Belém e Fortaleza. Em alto-mar, um peixe voador saiu da água e caiu no casco da embarcação. Fernando foi rápido: pegou o peixe pelo rabo, mostrou-o à tripulação, balançou-o no ar – e o engoliu. Os amigos jamais esqueceram.

## Histórias da garoa

Pablo Pereira

estádio.com.br

blogs.estadiao.com.br/blog-da-garoa

### HIGIENÓPOLIS

## • Dos Silva Prado aos Zé Manés

Duas semanas atrás, ladrões invadiram um prédio de apartamentos na Avenida Higienópolis e assaltaram diversas famílias, espalhando medo entre moradores do bairro. A ousadia dos bandidos em São Paulo virou moda com esses chamados “arrastões”. O clima de insegurança que havia nas casas chegou aos prédios.

Essa violência planejada alimenta, por outro lado, a criação de bunkers escondidos por muros e edifícios cercados por segurança, câmeras, sensores, cercas eletrificadas. Vigora a sensação de uma vida em presídio. O contribuinte de vida regrada, preso, a marginalia, na rua. E pior: nada garante 100% de

tranquilidade, conforme se viu na ação criminosa de Higienópolis.

O bairro escolhido para o ataque dos malfeitores nasceu, como diz o nome, para fornecer uma vida limpa a seus moradores. Surgiu no fim do século 19. Era o cenário perfeito para famílias abastadas que procuravam viver à francesa, o que as baixadas da cidade antiga não ofereciam.

“Os primeiros moradores faziam parte de um grupo de anglo-saxões que se incluíam entre os estrangeiros radicados em São Paulo desde meados do século 19”, escreve Maria Cecília Nacléria Homem, mestre em História Social pela USP, no livro *São Paulo em Mosaico* (CIEE, 2010). Eram loteamentos planejados pelos comerciantes Martinho Burchard e Victor Nothmann, lembra a pesquisadora. Vendiam conforto na colina fresca.

A pesquisadora mostra que as casas



1903. Jardins da chácara de Veridiana da Silva Prado, em Higienópolis

eram amplas. A legislação criada para aquela área obrigava os donos a guardarem espaços para jardins e arvoredo. Uma das relíquias arquitetônicas des-

se bem-viver é o casarão da Rua Dona Veridiana com Av. Higienópolis.

Eram os tempos ricos do café. E o casarão era da família Silva Prado, do

prefeito Antônio Prado, que governou São Paulo, e do intelectual Eduardo Prado. Foi Eduardo quem indicou à mãe, Veridiana, o francês Auguste Glaziou para a criação dos largos jardins da residência, lembra a pesquisadora Maria Cecília.

Eduardo Prado viveu na França, onde formava turma com gente de letras, como o escritor português Eça de Queiroz. Aquele Jacinto de Torres, personagem que o leitor encontra no livro *A Cidade e as Serras*, de Eça, é inspirado no Prado.

Voltando à chácara de dona Veridiana, a Vila Maria: a propriedade era cercada por eucaliptos, escreve Maria Cecília. “Árvore que, conforme se conta, foi introduzida em São Paulo por iniciativa de d. Veridiana.” Eram charmosos e tranquilos, a Vila Maria e seus arredores. Hoje, qualquer “Zé Mané” apavora por lá.